



ARTIGOS - ARTICLES

Nietzsche, mentor da Primeira Guerra Mundial?
O que dizem jornais e revistas brasileiros
sobre o filósofo (1910-1920)

Antonio Vinicius Lomeu Teixeira Barroso¹
Universidad Nacional de La Plata
lomeuantonio@gmail.com

Como citar este artigo: BARROSO, A. V. L. T. "Nietzsche, mentor da Primeira Guerra Mundial? O que dizem jornais e revistas brasileiros sobre o filósofo (1910-1920)", *Intelligere, Revista de História Intelectual*, n° 12, pp. 130-146. 2021. Disponível em <http://revistas.usp.br/revistaintelligere>. Acesso em dd/mm/aaaa.

Resumo: O presente artigo pretende examinar como os jornais e revistas brasileiros, entre os anos de 1910 e 1920, vincularam o pensamento do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) à Grande Guerra (1914-1918). Desse modo, buscaremos compreender de que maneira o pensador foi associado ao conflito, destacando, as opiniões que salientam seu papel de incitador da guerra. Para tanto, realizaremos um breve percurso historiográfico dessa associação e, posteriormente, a análise dos periódicos do Brasil nessa época.

Palavras-chave: Karl Popper. Historicismo. Falibilismo. Teoria da história.

*Nietzsche, mentor of the First World War? What Brazilian newspapers
and magazines say about the philosopher (1910-1920)*

Abstract: This article aims to examine how Brazilian newspapers and magazines, between the years 1910 and 1920, linked the thought of the German philosopher Friedrich Nietzsche (1844-1900) to the Great War (1914-1918). In this way, we will seek to understand how the thinker was associated with the conflict, highlighting the opinions that emphasize his role as an inciter of war. For that, we will carry out a brief

¹ Doutorando em História pela Universidad Nacional de La Plata, graduado e mestre em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Pesquisa a recepção do pensamento de Nietzsche entre os anos de 1890 e 1930 na Argentina e no Brasil. Atualmente, leciona na Universidad Nacional de La Plata, na cadeira de História sociocultural Luso-brasileira.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8289874913878862>

historiographical journey of this association and, later, the analysis of the periodicals of Brazil at that time.

Keywords: Nietzsche. First World War. Brazilian Press.

Introdução

A fama de Friedrich Nietzsche como um filósofo defensor da violência, da crueldade e da guerra parece ter sido, ao longo do século XX, altamente difundida. Seu papel de influenciador da Segunda Guerra Mundial é bastante conhecido: vários foram os filósofos, historiadores e políticos que se esforçaram em demonstrar sua relação com o nazifascismo.² O mesmo não se verifica em relação à sua associação com a Primeira Guerra, já que existem poucos trabalhos que exploram esse suposto vínculo. As ideias nietzschianas e a explosão bélica ocorrida em 1914, no entanto, estiveram extremamente relacionadas, se analisarmos jornais e revistas que circulavam em solo brasileiro nesse período.

A quantidade de artigos que citam Nietzsche, ao abordar o tema da Primeira Guerra, é bastante considerável e alguns ocupam a primeira página desses periódicos. Antes mesmo do início desse evento catastrófico já havia menções ao possível envolvimento do filósofo com as ambições militares alemãs. Os jornais e revistas brasileiros realizaram um intenso debate que, em geral, partiam das seguintes perguntas: As ideias nietzschianas foram o motor da então chamada Grande Guerra? Nietzsche era um intelectual a favor do nacionalismo e belicismo alemães? O filósofo foi um dos ideólogos do imperialismo europeu?

Esse artigo tem como objetivo responder essas perguntas destacando as diversas opiniões manifestadas pela imprensa brasileira. Desse modo, destacaremos os pontos de vista que o consideravam um mentor e incitador desse evento, por supostamente ter influenciado militares, políticos, cidadãos e intelectuais a apoiarem um desfecho violento para as tensões das grandes potências do momento. Primeiramente, analisaremos como alguns historiadores conectaram o pensador alemão ao tema de Primeira Guerra Mundial.

² De fato, sua irmã, Elisabeth Förster-Nietzsche realizou um trabalho de mutilação dos seus textos aproximando-os às teorias raciais e bélicas nazistas. O arquivo Nietzsche foi visitado duas vezes por Hitler e este, numa das ocasiões, foi presenteado por Elisabeth com a bengala usada pelo filósofo (cf. JULIÃO, 2016, p. 276). Tal visita foi mediada por Benito Mussolini outro admirador convicto de Nietzsche. Em suas concepções sobre a necessidade da guerra o líder italiano também se apoiava nas proposições do pensador alemão.

Nietzsche, a Primeira Guerra e os historiadores

Antes de analisar como os periódicos brasileiros relacionaram Nietzsche à Primeira Guerra demonstraremos como essa relação foi estabelecida previamente por alguns historiadores. Arno Mayer, em 1987, publicou o livro intitulado a “A força da tradição” no qual defende a tese de que o Antigo Regime e seus ideais conservadores, antidemocráticos e hierárquicos continuavam predominantes no continente europeu até o ano de 1914. Em linhas gerais, o autor apontou que o esforço que as aristocracias europeias realizam para se manter no poder é o fator principal que gerou a Grande Guerra. Mayer sustenta que, no final do século XIX e início do século XX havia uma forte ideia de decadência entre muitos intelectuais, na qual o apelo democrático, os crescimentos das cidades e das multidões colocariam fim a cultura de elite, aristocrática e feudal (cf. MAYER, 1987, p. 271). Segundo o historiador, “noções simples como ‘sobrevivência dos mais aptos’ e ‘vontade de poder’ de Darwin e Nietzsche, respectivamente, penetraram no arsenal de ideias e atitudes antiprogressistas e antiliberais” (MAYER, 1987, p. 273). Essas teorias de elite na Europa serviam como arma na batalha contra o nivelamento político, social e cultural e, para Mayer, Nietzsche foi o menestrel-mor nesse combate. O filósofo, apesar de suas críticas ao Chanceler Bismarck, o apreciava por suas origens rurais e nobres além de respeitá-lo pela maneira hábil como manipulava o *Reichstag*. O parlamento para Nietzsche era a verdadeira ameaça a uma cultura superior e tanto a democracia como o socialismo eram um empecilho para o aparecimento de uma casta superior de senhores. Nietzsche, na interpretação de Mayer, defende que “os autênticos aristocratas deveriam estar sempre prontos para serem cruéis e sacrificarem imensos contingentes de seres humanos para o benefício de homens nobres” (MAYER, 1987, p. 279). Esse homem nobre, cujo empenho na auto perfeição espiritual e no poder brutal o transformava em um guerreiro completo, era movido pela força motriz da própria vida: “a vontade de poder”. Desse modo, Nietzsche defendia que a guerra era essencial para o Estado-Nação e que as lutas externas poderiam ser usadas para estimular a vontade de poder, por isso, saudava os fogos da guerra por alimentarem a transmutação da crise europeia. O paraíso nietzschiano estaria ‘à sombra das espadas’ por isso “a era vindoura de guerras incomparáveis permitiria a aristocracia mostrar sua virilidade, amparar e jactar-se de sua honra e lideranças históricas” (MAYER, 1987, p. 280). Nesse sentido, a investida ideológica mal-intencionada e belicosa contra o progresso, o liberalismo e a democracia, na virada do século, tiveram como fonte espiritual e intelectual comum Darwin e Nietzsche. Nas próprias palavras de Mayer, no início do século XX:

As camadas superiores da sociedade e do Estado deixaram de deplorar a guerra como uma necessidade extrema e lastimável. Num atmosfera intelectual e psicológica carregada de influências social-darwinistas e nietzschianas, a guerra era celebrada como um novo remédio que curava tudo. A violência e o sangue da batalha prometiam revigorar o indivíduo, restabelecer a nação, restaurar a raça, revitalizar a sociedade e regenerar a vida moral (MAYER, 1987, p. 295-296).

Segundo Mayer, as fórmulas nietzschianas, juntamente com as social-darwinistas, permearam as camadas superiores do Estado e da sociedade entre 1890 e 1914, fomentando a necessidade de uma guerra como solução para a crise instaurada nesse momento.

O historiador Eric J. Hobsbawm, de maneira mais indireta, também associou o filósofo alemão ao conflito. Em sua obra “A Era dos Impérios”, publicada em 1987, o autor defende que Nietzsche foi um dos pensadores mais céticos em relação às verdades do século XIX: o progresso a razão, inclusive a ciência. Hobsbawm, assim como Mayer, aproxima o pensamento nietzschiano ao darwinista, afirmando que “os escritos de ‘A vontade de Poder’ podem ser lidos como uma variante do darwinismo social”, já que neles há um “discurso desenvolvido com a linguagem da ‘seleção natural’, neste caso uma seleção destinada a produzir a nova raça dos ‘super-homens’, que iria dominar os humanos inferiores como o homem” (HOBSBAWM, 1988, p.221). Essa teoria a favor de uma dominação bruta fez com que Nietzsche fosse considerado por muitos de seus contemporâneos como um vidente excitado com a probabilidade de uma grande guerra. De certo modo, sua chegada foi sentida como uma libertação e um alívio pelo filósofo e por uma parte da elite europeia na medida em que

significou o fim da superficialidade e da frivolidade burguesa, do tedioso gradualismo da melhoria do século XIX, da tranquilidade e da ordem pacífica que era a utopia liberal para o século XX e que Nietzsche denunciara profeticamente, junto com a ‘pálida hipocrisia administrada por mandarins’ (HOBSBAWM, 1987, p. 284).

Segundo Hobsbawm, na década de 1880, “o filósofo Nietzsche, louca, porém profeticamente, saudou a militarização crescente da Europa e predisse uma guerra que ‘diria sim ao animal bárbaro, ou mesmo selvagem, que existe entre nós” (HOBSBAWM, 1988, p. 265). Desse modo, o historiador inglês coloca ênfase no papel de

Nietzsche, não só como profeta da guerra de 1914, mas também como seu entusiasta, tendo em conta que colocaria fim aos valores por ele combatidos.

Finalmente, James Joll, em seu livro “As origens da Primeira Guerra Mundial” de 1984, investiga de forma mais detalhada como Nietzsche esteve relacionado com o evento, concentrando-se na forma como suas ideias influenciaram os movimentos juvenis alemães. Analisando como se deu o processo de alistamento na Alemanha, Joll afirma que, na década anterior à guerra, novos movimentos da juventude, inspirados pelas ideias de Nietzsche, começaram a crescer entre a classe média alemã. Esses jovens representavam uma rebelião contra a disseminada respeitabilidade da burguesia Guilhermina, e por isso, defendiam as raízes da pátria nas montanhas e florestas da Alemanha, assim como o regresso a um senso de comunidade, mais instintivo e espontâneo. Esse grupo, *Wandervogel*, desejava ver a sociedade alemã livre da hipocrisia e convenções da Alemanha contemporânea impregnada pela superficialidade dos políticos alemães (cf. JOLL, 1984, p. 192). Ao definir o estado de espírito que levou a guerra, Joll afirma que a retórica nietzschiana o desejo de liberação e de novas formas de ação eram elementos que caracterizavam a juventude alemã e se manifestavam através de um sentimento de unidade semelhante aos nacionalistas militaristas que criticavam (cf. JOLL, 1984, p. 193). De acordo com Joll, apesar do culto de Nietzsche à libertação pessoal, “torna-te o que tu és”, não envolver necessariamente a guerra, suas referências constantes à cura brutal da enfermidade da sociedade europeia contemporânea encontraram muitos ecos entre os que aceitavam e davam as boas-vindas à guerra que se aproximava (cf. JOLL, 1987, p. 188).

Finalmente, quando a guerra eclodiu, diversos jornais, publicitários e líderes religiosos britânicos se esforçaram para atribuir a influência de dois escritores alemães especificamente à guerra: Heinrich Von Treitschke e Friedrich Nietzsche. Para o editor do jornal britânico *The Times* em 1914, o último havia sido responsável, de alguma forma, pela Primeira Guerra Mundial, pois havia encorajado soldados não só alemães como também russos a irem para frente de batalha (cf. JOLL, 1984, p. 187-188). Como foi reportado no jornal em 31 de outubro de 1914: “Quase todos os nobres espíritos da Rússia moderna beberam da fonte de Nietzsche” (cf. JOLL, 1984, p. 188).

Os editores britânicos estavam convencidos de que o pensador tinha sido uma influência de peso para aqueles que desejavam a guerra. Durante os meses de junho e julho de 1914, as menções a Nietzsche aparecem na divulgação dos seus livros

através de anúncios de livrarias e de alguns leitores de sua obra. A partir de setembro, no entanto, a campanha anti-nietzschiana começa da seguinte maneira:

A peculiaridade da Alemanha é que noção da guerra como um fim em si mesmo tem dominado os intelectuais do país, que seus ideais agora não são paz e amor, mas sim amor à guerra, que sua consciência nacional tem sofrido uma mudança dos valores morais que Nietzsche desejava (THE TIMES, 1914, p. 2)

O texto “A Grande Ilusão” revela diversos ataques ao filósofo classificado como “um pensador confuso”, “sem valores claros” e que ao contrário de um filósofo de verdade, “não sabia como queria viver”. Ademais, afirma que, para seus seguidores, a guerra alemã, em si mesma, é nobre e esplendida, algo que deve ser motivo de orgulho como a música alemã (THE TIMES, 1914, p. 2).

Em 25 de setembro de 1914, no artigo “Ética Evolutiva”, Charles F. Down escreve que a Alemanha moderna era animada pelo espírito darwinista que é a essência de Nietzsche. Segundo sua lei, somente existe a vontade do mais forte, o domínio da “besta loira” (THE TIMES, 1914). Para Down, “a sobrevivência do mais apto (que seria o mais forte), na luta pela existência tem como objetivo o aparecimento do super-homem”, e “quanto mais aguerrida e difícil a luta, o forte destruirá o fraco de maneira mais perfeita, desse modo, o super-homem aparecerá mais rapidamente.” Esse seria o princípio que dominava a Alemanha moderna, não os de Kant e Hegel. Na edição de 21 de outubro de 1914, em artigo intitulado “Resposta aos professores alemães: origem e direção da guerra”, se expressa a seguinte opinião em relação aos acadêmicos alemães:

Nós não questionamos até agora a sua sinceridade pessoal quando expressam seu horror pela guerra e seu zelo pelas “conquistas da cultura”. No entanto, somos obrigados a afirmar que uma visão muito diferente da guerra e de um engrandecimento da nação baseado na ameaça da guerra tem sido defendida por escritores influentes como Nietzsche (The Times, 21/10/1914).

Ao longo do mesmo ano ainda foram publicados outros artigos relacionando as ideias nietzschianas à Grande Guerra. O nome de Nietzsche no jornal *The Times*, nesse ano, aparece quase que exclusivamente vinculado à violência produzida pelos

militares europeus, sobretudo alemães. Seguindo o mesmo caminho que Joll, tentaremos, em seguida, analisar como a imprensa brasileira mostrou a associação de Nietzsche com a Grande Guerra.

A imprensa brasileira, Nietzsche e a Grande Guerra

Nos anos anteriores à Grande Guerra, a imagem de Nietzsche veiculada pela imprensa brasileira era bastante ambígua. Em geral, havia um reconhecimento da genialidade e do potencial do filósofo, mais considerado um poeta, acompanhado de certa suspeita e crítica em relação a determinadas ideias defendidas por ele. Alguns leitores de suas obras o vinculavam à loucura, imoralidade, crueldade, ao crime e denunciavam a sua suposta adoração da violência. Em dois de janeiro de 1910, na primeira página do jornal *Correio da Manhã*, Manuel de Sousa Pinto o define como “filósofo errante”, louco, de vida transviada, de “ideias contraditórias” e “verdades vacilantes” cuja “toda sua obra é uma serie de apontamentos tumultuosos” (CORREIO DA MANHÃ, 1910, p. 1). Nesse mesmo artigo Nietzsche é classificado, contudo, como “um dos maiores poetas que a Alemanha deu luz”, dotado “de belíssimo espírito namorado dos gregos do período dionísíaco”, ainda que esse espírito tivesse sido queimado pelo seu interesse pela ciência. Seu Zaratustra é, segundo o autor, um poema de “fôlego genial”, “agreste e máscula beleza” e de “revolucionária virilidade”. Pinto descreve a admiração do pensador por “esses gregos de violência e da sinceridade que tanto celebrou na *Origem da Tragédia*” (CORREIO DA MANHÃ, 1910, p. 1).

Em três de abril do mesmo ano, no artigo “Um Imoralismo e seu profeta” publicado no jornal *Gazeta de Notícias*, nos chama atenção o destaque das profecias de Nietzsche relacionadas a uma futura guerra. O texto, provavelmente publicado originalmente na França, escrito por Saint-Georges de Bouhélier, defendeu que Nietzsche julgava-se um predestinado, pois certa vez afirmou que “um dia se ligará ao meu nome alguma coisa de formidável. Haverá guerras como nunca houve” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1910, p.1). Bouhélier escreve que “segundo ele a piedade nos debilitou, o universo não é mais do que um pedestal erguido à nossa audácia é preciso desprezar os deserddados.” Para o autor do artigo, “toda sua obra não é senão um desenvolvimento extraordinariamente colorido e sombrio, interpretado transcendentemente do opúsculo de Machiavel sobre a política do príncipe” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1910, p. 1). Devido a sua falta de bondade e seu tom sombrio, Nietzsche “nos faz

perder a coragem de viver” e com ele “o mundo se degradingola e obscurece, fulgurações aparecem sinistras, vê-se o homem rastejar e torcer-se em convulsões” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1910, p. 1).

No jornal o *Pharol* em 1913, em artigo intitulado “Nietzsche e o Crime” o filósofo é visto como uma influência perigosa em certos indivíduos, na medida em que suas “doutrinas negam de um modo absoluto tudo o que os homens tenham admitido, por hipótese, como verdadeiro” (O PHAROL, 1913, p. 2). Suas “teorias anormais, fictícias e inexequíveis” criticavam de maneira inescrupulosa e impetuosa os valores criados pela sociedade (O PHAROL, 1913, p. 2). Segundo o autor do artigo, o filósofo é imoral e anacoreta, pois possuía ideias perversas sobre o crime sendo alheio a todo conhecimento dos homens e da vida prática. Assim sendo, as doutrinas de Nietzsche eram por demais impraticáveis e problemáticas e poderiam ser uma influência ameaçadora para as esferas que formam a base do direito moderno como, por exemplo, o direito da família. Essas ideias, segundo o autor poderiam ser perigosas em relação aos conceitos sobre a posição da mulher na sociedade moderna, a respeito do que é lícito ou ilícito, moral ou imoral.

A primeira associação mais direta de Nietzsche à guerra apareceu em 1912 no *Jornal do Commercio* Ed. Tarde, em artigo intitulado *A Alemanha e a próxima Guerra*, uma resenha do livro homônimo, publicado em 1911, do general alemão Friedrich von Bernhardi. O artigo, em linhas gerais, acusa o general de ser um escritor imperialista que ao longo de seu livro revela-se um defensor da guerra. Nesse texto, afirma-se que o militar alemão, em sua obra, possui um “plano nietzschiano de engrandecimento e de conquista” que parte de uma “concepção fatalista de que existe uma Providência resolvida a executar um vasto plano de evolução sem se deter perante detalhes de ordem moral” e que “vê na guerra o fim natural da existência social” (JORNAL DO COMMERCIO, 1912, p. 1). Desse modo, o autor detecta uma influência das ideias belicistas de Nietzsche sobre Bernhardi, pois o de acordo com último “a guerra é um elemento positivo na obra da edificação da cultura” (JORNAL DO COMMERCIO, 1912, p. 1). Mais tarde, Bernhardi desempenharia um papel importante como general na primeira guerra mundial.

A partir de 1914, o *Jornal do Commercio* foi o periódico que mais explorou o comprometimento de Nietzsche com a Grande Guerra. Em 30 de setembro desse ano, foi publicado *O Militarismo alemão*, texto escrito por Cesar Mendes, um leitor do jornal, em resposta ao artigo de Boyen, um de seus colaboradores. Para Mendes, exis-

tia na Alemanha uma forte e perigosa alma militarista, um espírito militar sem paralelo em país algum, fato negado por Boyen. Ao passo que em outras nações a juventude tentava escapar do serviço militar obrigatório, os jovens alemães “encaravam a caserna com prazer e o serviço das armas como uma função inerente ao título de cidadão” (JORNAL DO COMERCIO RJ, Ed. Tarde, 1914, p. 1). O perigo do militarismo alemão reside, de acordo com Mendes, no fato deste dominar até as classes mais populares. Segundo ele, na Alemanha ao contrário de outros países, o militarismo não era mercenário, isto é, não se fundamentava somente nas promoções e nas comissões rendosas. Para Mendes, entre os alemães havia um militarismo de espírito guerreiro e propriamente militar e patriótico o que os transformavam em único povo preparado para a guerra. A atitude militarista alemã “não falta nem sequer o apoio dos seus maiores sábios e publicistas (...)veio Nietzsche ensinar a ser cruel e a não ter piedade dos fracos. ‘Morreram os fracos e fracassados!’ (JORNAL DO COMERCIO ED. TARDE, 1914, p. 1), Desse modo, há uma associação clara feita pelo autor entre o espírito militarista alemão guerreiro e o pensamento nietzschiano no que diz respeito à sua defesa da crueldade.

Em 2 de novembro do mesmo ano publicado no mesmo periódico, o artigo intitulado *O Imperialismo*, de autoria do escritor argentino José Ingenieros, associou o filósofo à postura imperialista germânica. O texto se dedica a explicar o processo histórico de formação do imperialismo, determinar seus caracteres gerais e observar os meios de sua consolidação na mentalidade coletiva, tendo como foco a Alemanha. O artigo, que consiste em uma tradução de um trecho do livro *Al margen de la Ciencia*, em linhas gerais, compara o imperialismo à luta pela vida e à seleção dos homens adaptadas ao âmbito social. Segundo Ingenieros, “os povos fortes acreditam-se carregados de tutelar os outros, estendendo até eles o benefício de sua civilização mais avançada” (JORNAL DO COMERCIO, 1914, p. 3). Mediante essa análise, o intelectual argentino afirma que o regime imperialista havia se personalizado em grandes tipos representativos como o Kaiser Guilherme, e que em função disso “o processo de formação do imperialismo alemão é claro”. Ademais, são destacadas várias características do “tipo alemão”, como trabalhador, disciplinado, militarista, que possui profundo respeito pela estratificação social, e que acredita no ideal de nação como nenhum outro povo. Nesse contexto, Ingenieros escreve que “uma estadia de Berlim valeu-nos mais para interpretar a mentalidade de Nietzsche do que a leitura de trinta volumes de crítica sobre sua personalidade ou sua obra” e que “os elementos constitutivos do seu espírito são os mesmos que constituem a alma nacional do seu povo neste momento histórico” (JORNAL DO COMERCIO, 1914, p. 3). Para ele, “o grande enfermo de Wei-

mar” era o expoente máximo do espírito imperialista na medida em que associava a ideia de super-raça à ideia de super-homem. De acordo com as palavras de Ingenieros:

Nietzsche é a taça que transborda, é o sentimento imperialista que rompe seu próprio molde: ritmo da vaga encrespada pelo seu tufão; é o “sentimento de potência”, é uma concreção patológica do “sentimento imperialista”, exaltação mórbida da raça e do indivíduo pelo culto dos heróis e do esforço pessoal (Jornal do Comercio, 1914, p. 3).

De acordo com o escritor argentino, Nietzsche representava a moral de força para os povos e homens dominadores, pois defendia valores como a seleção, hierarquia, e disciplina para os débeis e servos. Desse modo, considerava que a Alemanha imperialista estava em plena virilidade, pois nela ecoava a aspiração nietzschiana do “mais alto e mais longe”.

No ano seguinte, o filósofo alemão novamente figura como um incentivador da guerra no jornal, e isso aparece no artigo intitulado “O desaparecimento de um envenenador”, publicado em ocasião da morte do intelectual alemão Karl Lamprecht, originalmente escrito em francês por George Blondel. Uma tradução desse texto aparece na edição de 23 de julho de 1915 e declara: “A guerra atroz que nos declarou a Alemanha é também uma batalha de ideias, ao mesmo tempo que um choque de exércitos como nunca viu o mundo” (JORNAL DO COMERCIO, 1915, p. 1). Em sequência, o texto afirma que as causas próximas e remotas do conflito estão relacionadas ao envenenamento das raças germânicas que provocou a perversão dos seus espíritos. Dentre esses envenenadores se encontram o próprio Lamprecht e Nietzsche, este por “preconizar o ideal da violência ideal superior ao cristianismo que ‘nada adianta!’” (JORNAL DO COMERCIO, 1915, p. 1). Segundo o autor, a marcha triunfal da moral de Nietzsche responsável por criar a nova moral do êxito e da livre concorrência que governava a nação alemã, causará ruínas e o desaparecimento da velha Alemanha.

Em 1916, ainda no *Jornal do Comercio*, Nietzsche foi classificado como “o poeta da força” que teria se afundado nos “subterrâneos labirintos do castelo de nuvens do espírito alemão e decantou a futura guerra universal, o triunfo e a glória de uma Germânia super-nação, feita de super-homens” (JORNAL DO COMERCIO, 1916, p. 3). Originariamente de cultura francesa, o filósofo alemão se perdeu no mesmo torveli-

nho que se perderam outros pensadores alemães como Hegel, Fichte e Schelling. A Alemanha, autora do aborto schopenhaueriano, seria a mesma responsável pela falência lamentável do grande poeta que seria Nietzsche. O artigo defende a teoria de que “se a Alemanha tivesse assimilado a Grécia Inicial e compreendido o papel da França organizadora de cooperadora na vida ocidental, o grande choque teria sido evitado” (JORNAL DO COMERCIO, 1916, p. 3). Mediante essa análise o autor anônimo argumenta a favor de uma ressurreição latina, que recuperasse o ideal helênico levado a cabo pelo espírito francês. Nesse texto, podemos perceber que Nietzsche foi mais vítima de uma cultura germânica bárbara em tempos calamitosos, sendo mais uma expressão dessa época que exercendo uma influência sobre essa mentalidade.

Algumas revistas também envolveram o filósofo alemão no conflito. A *Careta*, em 1915, publicou um artigo intitulado “A Grande Guerra”, o qual oferece ao leitor um panorama geral sobre o evento e são apontadas algumas de suas motivações. O autor, identificado como Leal de Souza, afirma: “À luz de uma filosofia, em nome de ambições baseadas em princípios, a Alemanha desnuda a espada e batalha para submeter o mundo, impondo o cetro às gentes (CARETA, 1915, p. 3) Souza constata que a Alemanha não possuía os mesmos princípios morais que os outros povos, fato que dividia opiniões sobre seu destino: “(...)segundo uns regridem para o antigo mundo bárbaro, enquanto, no pensar de muitos, avançam para um mundo novo, ideado sobre os moldes fortes, concebidos por Nietzsche”. O autor defende que uma possível vitória da Alemanha causaria a imposição aos outros povos de doutrinas consagradas pela guerra, por outro lado, a vitória de nações aliadas à França representaria o triunfo glorioso dos extremos princípios liberais. Em resumo, Leal escreve que os alemães representam um mundo que renasce lutando com um mundo que se renova.

A revista pernambucana Heliópolis foi a mais incisiva ao publicar, em 1914, “Frederico Nietzsche e a Guerra”, único artigo encontrado que se dedica exclusivamente a analisar a relação do filósofo com o conflito. Nas suas primeiras linhas o autor demonstra como enxerga essa associação:

O imperialismo militar alemão, espécie de escravidão disfarçada debaixo de um patriotismo exagerado e oprimente que acaba de arrastar uma das cultas e adiantadas nações da Europa para uma guerra desastrosa, cujas consequências em todo caso, hão de ser lastimabilíssimas não só para os vencidos como também para os vencedores, parece-me uma rigorosa aplicação das perigosas e absurdas teorias éticas e estéticas de Frederico Nietzsche (HELIO-POLIS, 1914, p. 4).

Segundo o padre Leonardo Mascello, o filósofo era um espírito irrequieto, apaixonado e violento, animado por um ódio profundo contra a civilização cristã e a democracia. Em função disso, fez derivar a seita pessimista dos anarquistas que “odeiam qualquer forma social a não ser a do rebanho autônomo” e, após constatar uma decadência do mundo ocidental, declarou que esta é uma “preparação para a grande luta do século” (HELIOPOLIS, 1914, p. 4). De acordo com Mascello, a essência da vida para Nietzsche é “querer dominar” e “desta concepção deriva um imperativo categórico que impõe a guerra e a destruição”. Ademais, destaca-se que da Alemanha sairia uma nova casta destinada a dominar a Europa, pois para o pensador alemão a força da vontade era mais acentuada em seu país. A ética nietzschiana, para o padre brasileiro, era “negativa, demolidora, arrebatadora e violenta” que concebe a eliminação do que não presta. Mais adiante atesta que:

Se são verdadeiros os telegramas acerca das selvagerias que estão perpetrando pelos beligerantes, nos diversos países da Europa, temos razão de afirmar que o tresloucado filósofo do super-homem (que agora melhor poderia se chamar *superfera*), foi entendido e atendido até demais (HELIOPOLIS, 1914, p. 4).

Mascello conclui seu texto escrevendo que foi um profeta de desgraças que “não nos inspira simpatia nenhuma, mas repugna-nos até”, pois sua concepção da vida é falsa e sua teoria da destruição é “monstruosamente absurda”. Por isso, os preceitos desumanos de Zaratustra merecem execração universal pelo seu “propósito sanguinário e macabra orgia de destruição” (cf. HELIOPOLIS, 1914, p. 4). Através desse texto, percebemos de maneira direta e clara que Mascello enxerga Nietzsche como um influenciador decisivo da Guerra, incitando os beligerantes à violência e à dominação do mais fraco.

Em 1917, *O jornal da Tarde*, no artigo *Ressurreição Latina* realiza outra associação do pensador com a destruição provocada pelo enfrentamento bélico. O texto faz o seguinte comentário:

Hoje o filósofo é Nietzsche, o anticristo da Kultur (...) ele não hesitou em estipular uma tese estranha: a transmutação de todos os valores (...) E a Alemanha, à sua maneira, cobriu-lhe de glória o nome quando recalcando no peito os últimos resquícios de humanidade, dominando-se superiormente como ordena Zaratustra ilustrou serenamente com elevados princípios abstratos os incêndios metódicos da Bélgica, fundamentou magistralmente o

bombardeio sublime da Catedral de Reims (O JORNAL DA TARDE, 1917, p. 1).

Nesse trecho vemos como a destruição provocada pelas armas é atribuída às ideias nietzschianas, como se as forças armadas da Alemanha seguissem seus preceitos.

Ainda no mesmo ano, mais uma vez no *Jornal do Comercio* foi publicado um discurso de Leônidas de Rezende, orador oficial do Instituto de Bacharéis em Letras do Rio de Janeiro. A conferência oferece um diagnóstico sobre o homem contemporâneo e a missão do Instituto diante dos problemas diagnosticados. Nesse sentido, Rezende detecta um mal-estar horroroso sentido por todos e uma agonia tremenda por toda parte. Esse fenômeno se manifesta através das ideias de alguns pensadores e políticos da contemporaneidade:

O “struggle for life” de Darwin, transportado para o domínio da sociologia produziu o darwinismo social. O “survival of the fittest” de Spencer, a luta de classes de Marx, a política sanguinária do Moltke, de Bismarck, de Guilherme II e o super-homem de Nietzsche (Jornal do Comercio, 1917, p. 2).

Para o autor, a causa do progresso do gênero humano passou a ser considerado o homicídio coletivo e os “filósofos, juristas e homens de letras de todos os países indistintamente elevaram essa teoria arrasadora à altura de um postulado” (JORNAL DO COMERCIO, 1917, p. 2). Alguns desse homens de letras são analisados detalhadamente por Rezende. A parte dedicada a Nietzsche destaca o seguinte:

Nietzsche, partindo, também da força como princípio supremo, chega a essa brutal conclusão: ‘A eliminação dos fracos é um fato. A virtude é a crueldade. A caridade, a compaixão, a piedade são vícios somente admissíveis como virtudes em uma moral de escravo’. Esta é sua divisa: ‘Nada é verdadeiro: tudo é permitido’ (JORNAL DO COMERCIO, 1917, p. 2)

Para concluir seu parágrafo o autor vincula Nietzsche ao Imperador da Alemanha. Após o trecho destacado acima, escreve “Por último exclama Guilherme II: “que morram todos os inimigos do povo alemão! Deus exige sua destruição!”. Podemos perceber que Rezende entende o pensador alemão como responsável pela vonta-

de de destruição do *Kaiser* e o cita como integrante do grupo causador de um mal estar no mundo.

Destaca-se também um artigo do mesmo periódico de 14 de junho de 1918. Seu título é “Amável Germânia!”: Mata! Saqueia! Rouba! e se dedica a “reproduzir as ignóbeis opiniões de alguns representantes em relação à guerra, as quais foram publicadas em um jornal francês” (JORNAL DO COMERCIO, 1918, p.1). Dentre esses representantes se encontra Nietzsche. Sua opinião destacada é a seguinte:

Sede impiedoso e implacável...Deveis amar a paz como um novo meio de guerra e de preferência a paz curta à de longa duração. Dizeis que é a boa causa que santifica toda a guerra? Eu vos digo, é a boa guerra que santifica qualquer causa (Assim falou Zarathustra) (Jornal do Comercio, 1918, p. 1).

O artigo foi publicado no momento em que a Alemanha efetuava a sua última ofensiva e continha, segundo o autor, as posições dos “representantes intelectuais mais autorizados por esse povo, a expressão da sua filosofia política e o desafio de uma raça de rapina à Humanidade” (JORNAL DO COMERCIO, 1918, p.1). Tais opiniões eram a expressão de uma “divinização da força”, que ao contrário do que muitos pensam, não era um fenômeno transitório da evolução da sociedade alemã. O escritor do texto estava convencido de que essas expressões representavam a *Kultur*, uma adaptação da eterna barbárie alemã às condições da vida moderna, uma ameaça a todos os povos livres.

No jornal maranhense *Pacotilha*, em 20 de janeiro de 1916, numa resenha do livro do advogado pacifista Herman Fernau sobre a França, o pensador é citado junto com outras personalidades que “anunciam ao mundo este ideal de Kultur: a força brutal, o egoísmo soberbo dos senhores nascidos para dominar a aristocracia do sangue” (PACOTILHA, 1916, p. 1) O autor do artigo afirma que “De Fichte a Nietzsche, passando por Hegel, Treitschke, Niebuhr, Momsem, (...) descobrimos uma tendência ao despotismo, à adulação da força, ao direito do mais forte, à guerra, a Esparta” (PACOTILHA, 1916, p. 1). Por isso, não havia nenhum amor ao próximo, nenhum sentimento de justiça, nenhuma veracidade interna no pensamento desses filósofos sem base científica. Além disso, era frequente que esses pensadores cometam o erro de confundir o super-homem com o homem de força. Herman Fernau foi um escritor alemão opositor da guerra e propunha o fim da monarquia germânica.

No ano seguinte, na edição do dia 27 de julho de 1917, em artigo intitulado “Sofisma”, Gonçalves Maia defende que Nietzsche e a nação alemã como um todo queriam a guerra. O texto é um ataque aos germanófilos, pois estes querem tapar a boca da população com o sofisma de que “se a nação fosse consultada sobre se queria a guerra responderia que não” (PACOTILHA, 1917, p. 1). Para Maia, “ninguém quer a guerra pelo prazer da guerra”, exceto os alemães que “a desejavam com ardor” e haviam se preparado para ela “durante quarenta anos com voluptuosidade” (PACOTILHA, 1917, p. 2). Esse desejo, no entanto, “não está somente nas almas candentes dos seus fornos de Euxes, gerando canhoes, está principalmente no espírito dos seus próprios filósofos”. Desse modo, o escritor menciona o pensador alemão ao afirmar: “não podemos esquecer que o maior deles, o profeta Nietzsche, no seu famoso evangelho intitulado Assim falou Zaratustra escreve: Vós dizeis que é a boa causa que santifica a guerra? Pois eu vos digo que a boa guerra que santifica todas as causas”. Maia ainda menciona professores, jornalistas e militares nos quais podíamos encontrar o “sibaritismo da guerra”. Assim sendo, no texto há uma responsabilização não só dos políticos e militares alemães, mas também dos homens de letras pela violência perpetrada pelo exército alemão.

No ano em que a guerra terminou ainda podemos encontrar as ideias nietzschianas relacionadas à agressão bélica alemã. No jornal *Correio Paulistano* do dia 7 de maio, Menotti Del Picchia publica “Schopenhauer e a Política”, no qual faz uma análise de como o pessimismo amargo desse pensador alcançou o Estado. A conclusão do autor brasileiro é de que para Schopenhauer “o homem, visceralmente mau e egoísta, necessita ser dominado por um tirano, para, de animal carniceiro, - (a ideia é muito alemã) se tornar um animal herbívoro” (CORREIO PAULISTANO, 1918, p. 1). Segundo Del Picchia, esse rudimento do imperialismo político teve grande influência na Alemanha e o mesmo Nietzsche, um “poeta da crueldade”, havia “chegado à mesma conclusão do seu casmurro mestre, que ele chamava ‘o último alemão digno de ser tomado em conta’” (CORREIO PAULISTANO, 1918, p. 1). Portanto, “no caso da guerra atual, a preparação moral germânica parece vir desse individualismo egoístico oriundo do pensamento pessimista de Schopenhauer modificado por Nietzsche” (CORREIO PAULISTANO, 1918, p. 1). Para o escritor do artigo não restavam dúvidas de que os dois filósofos alemães representavam “uma filosofia brutal e egoísta donde ressaltava um pangermanismo trabalhado pela vontade de Zaratustra” e, de acordo com ele, essa filosofia havia se difundido entre as massas populares germânicas. A “inevitável guerra” tinha como fim o imperialismo germânico e sua justificativa era constituir uma raça alemã, uma super-raça. Del Picchia afirma que “o método para

a consecução desses objetivos está todo velado na crueldade do ‘super-homem’. Não incorrais em covardia a respeito dos vossos atos, diz Nietzsche”, (CORREIO PAULISTANO, 1918, p. 1).

Conclusão

Ao longo dos artigos citados pudemos ter acesso às opiniões de grande parte da imprensa brasileira sobre a influência das ideias nietzschianas na Grande Guerra. Algumas delas destacam o conteúdo cruel, irracional e violento da filosofia de Nietzsche como uma espécie de motor do conflito mundial, servindo como inspiração tanto para a população alemã como para os militares e líderes políticos envolvidos. Outras consideravam o seu pensamento como parte da própria *Kultur* alemã da época sendo mais uma das formas de sua expressão. Houve jornalistas que deram ênfase à relação dessas ideias com o fenômeno do imperialismo alemão iniciado bem antes de 1914, ainda como Bismarck, reproduzindo alguns artigos publicados na Europa, sobretudo na França.

Apesar de termos nos focado nos ataques a Nietzsche através da responsabilidade pelos sentimentos bélicos, houve algumas opiniões que defendiam o filósofo, destacando sua germanofobia, francofobia e à má interpretação de suas ideias.³ Segundo Antonio Torres, no Jornal do Comércio, a cultura atual alemã era a cultura de filisteus para Nietzsche, isto é, “um amontoado de injúrias e ameaças à cultura liberal do mundo inteiro” (JORNAL DO COMÉRCIO, 1918, p. 1). O jornalista Joaquim Eulálio, em 1914, fez o seguinte apelo: “releiamos o *Ecce Homo* de Nietzsche: ‘eu creio apenas na cultura francesa e considero tudo mais na Europa que se chama cultura uma falta de compreensão do que é cultura. Onde quer que a Alemanha estenda seu domínio ela arruína a cultura” (JORNAL DO COMÉRCIO, 1914, p. 1). Para alguns jornalistas, “Nietzsche pregava aos homens não a dominação sobre seus semelhantes, mas a dominação sobre si mesmos” (REVISTA FON FON, 1918, p. 4). Inclusive após o desfecho do conflito a discussão seguiu intensamente. Em artigo publicado na revista *A Cigarra* de 1919, o jornalista e escritor Sud Mennucci, publicou o artigo intitulado “Nietzsche e a Guerra”, no qual defende o “filósofo de Sils-Maria” das acusações de ser o “inspirador da passada conflagração” (a 1ª Guerra Mundial), ponderando que ele “não pregou a Guerra” e que “condenou, formalmente, o imperialis-

³ Essas defesas de Nietzsche, no entanto, apareceram em menor número se comparamos a quantidade de artigos que o relacionavam ao conflito.

mo alemão”, se apoiando em trechos do “Crepusculo dos Deuses”, da “Genealogia da moral e de *Par de la Bien et le Mal*, nº 254” (MENUCCI, 1919 p. 28). Suas vinculações com o evento, porém, continuaram sendo recorrentes. Em 1920, Lima Barreto escreveu no jornal *Gazeta de Notícias*, o seguinte: “Não gosto de Nietzsche; tenho por ele ojeriza pessoal. Acuso-o, a ele e ao Esporte, como causadores do flagelo que vem sendo a guerra de 1914” (LIMA BARRETO, 1920, p. 1).

Bibliografia

Fontes primárias – Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Jornal do Commercio – Rio de Janeiro (1910-1918)

Pacotilha – Maranhão (1910 -1918)

Correio Paulistano – São Paulo (1918)

Correio da Manhã – Rio de Janeiro (1912-1918)

Pharol – São Paulo (1910-1918)

Jornal do Commercio Ed. Tarde – Rio de Janeiro (1910-1918)

Heliópolis – Pernambuco (1914)

Revista Fon Fon – Rio de Janeiro (1910 – 1918)

Revista Careta (1910-1919)

Gazeta de Notícias (1911-1915)

A Cigarra (1919)

A Gazeta de Notícias (1920)

Fontes secundárias

Hobsbawm, Eric J. **Era dos Impérios**, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1988.

Joll, James. **The Origins of First World War**, Longman, New York, 1984.

Julião, José Nicolao. **Nietzsche entre a Polis Grega e O Terceiro Reich Alemão**,

Cad. Nietzsche, Guarulhos/Porto Seguro, v. 37, n. 1, p. 271-296, 2016.

Mayer, Arno. **A força da tradição: a persistência do Antigo Regime**, Companhia das Letras, São Paulo, 1987.